

Sonhando com a vida, vivenciando Música: Um relato de Experiência.

Lenilce da Silva Reis Santana

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

nyce_reis@yahoo.com.br

Alessandra Alves da Silva

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

alessandraalvesleka@gmail.com

Comunicação

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto “Música na Fundação Sara”, entidade que assiste crianças e adolescentes com câncer na cidade de Montes Claros - MG. As atividades foram realizadas por acadêmicos bolsistas do Programa de Educação Tutorial, PET- ARTES/MÚSICA, pertencente ao Curso de Licenciatura em Artes/habilitação em Música da Universidade Estadual de Montes Claros - MG. O projeto, desenvolvido no primeiro semestre de 2018, tem como objetivo proporcionar o contato com a música às crianças e adolescentes com câncer, atendidos pela instituição, com intuito de proporcionar momentos de alegria e descontração através de oficinas de musicalização. O desenvolvimento do projeto foi dividido em três fases: a primeira consistiu na elaboração e aprovação do projeto, organização da equipe, construção de um material didático, capacitações da equipe pela instituição e pela tutora e, planejamento das atividades; a segunda foi a implementação das atividades nas oficinas semanais, a terceira consistiu na avaliação do projeto pela instituição, pela tutora e pela equipe. Nesta perspectiva, os resultados do projeto indicam que o trabalho desenvolvido ultrapassou as expectativas e podemos destacar a importância de atividades que relacionem o teórico prático de forma lúdica, objetivando um ambiente de aprendizagem capaz de suscitar nos participantes o despertar ao interesse musical e mais ainda utilizar esse recurso como uma fuga para os momentos dolorosos e estressantes que vivenciam durante o processo saúde-doença. O projeto promoveu um crescimento acadêmico e profissional significativo em todos os envolvidos no processo, além do desenvolvimento de relações humanizadas.

Palavras-chave: Música e Projetos Sociais. Educação Musical. Educação Musical Terapêutica.

Introdução

O presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto “Música na Fundação Sara”, uma instituição que assiste crianças e adolescentes com câncer na cidade de Montes Claros-MG. As atividades foram realizadas por acadêmicas bolsistas do Grupo

PET- ARTES/MÚSICA, pertencente ao Programa de Educação Tutorial – PET, do Curso de Licenciatura em Artes/ habilitação em Música da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) - MG.

Esse projeto, desenvolvido no primeiro semestre de 2018, tem como objetivo proporcionar o contato com a música às crianças e adolescentes com câncer, atendidos pela Fundação Sara Albuquerque Costa, com intuito de proporcionar momentos de alegria e descontração através de oficinas de musicalização. Como Silva Júnior (2012) reitera, “o envolvimento direto com a música através das atividades musicais proporcionadas pela educação musical pode trazer benefícios que vão além da aprendizagem musical” (SILVA JÚNIOR, 2012).

A partir de uma proposta condizente com os pressupostos da Educação Musical contemporânea, o grupo PET Artes/Música foi adequando o seu trabalho à realidade de projetos sociais, desenvolvendo atividades que abordam diversos conteúdos, tais como ritmo e movimento; elementos do som: altura, intensidade, duração e timbre; apreciação musical; produção e utilização de instrumentos musicais não convencionais, dentre outros.

O PET (Programa de Educação Tutorial) é um projeto do Ministério de Educação (MEC), financiando pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Ensino Superior (CAPES), e tem como objetivo propiciar aos acadêmicos participantes, sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica e atendam as necessidades do próprio curso de graduação. O Grupo PET Artes Música da UNIMONTES foi criado em dezembro de 2010, visando ampliar as ações de Ensino, Pesquisa, bem como compreender e desenvolver a Educação Musical, promovendo assim o enriquecimento sociocultural dos sujeitos, destacando a importância da Música (PET/MÚSICA). É através dele que o projeto se apresenta e tem como objetivo levar oficinas de música à Fundação.

A Fundação Sara Albuquerque Costa nasceu da convivência que os pais, parentes e amigos da pequena Sara tiveram com a dor e a esperança durante seu tratamento de leucemia, em 1996/1997. O transplante muito caro fez com que amigos e colegas de trabalho se unissem e promovessem a campanha “Ajude a Salvar a Vida da Sara”. Formou-se uma corrente de amor, numa demonstração de solidariedade jamais igualável. Apesar de todo o apoio, a pequena Sara faleceu em 22/11/1997 e, imediatamente após o falecimento,

os pais resolveram colocar em prática o sonho idealizado durante o tratamento da pequena Sara, pois passaram pela difícil experiência do tratamento fora de seu domicílio, mesmo com a bênção de contar com o apoio de amigos, tanto em Belo Horizonte como em São Paulo. Unidos de fé e determinação, Álvaro e Marlene sentiram que Deus colocava em suas mãos a missão de investir o que restou da quantia arrecadada na campanha em algo duradouro, que pudesse levar a outras crianças, como Sara, e a outros pais, como eles, o alívio e o apoio que tanto tiveram durante a árdua experiência de sofrimento da própria filha. Assim, em junho de 1998, foi instituída, em Montes Claros – MG/Brasil, a Fundação Sara Albuquerque Costa, para receber e assistir crianças e adolescentes com câncer, e seus acompanhantes. Hoje, conta com uma filial na capital mineira, desde julho de 2010, expandindo, assim, a assistência para todo o estado de Minas Gerais. A instituição tem como missão “Prestar ASSISTÊNCIA SOCIAL às crianças e adolescentes com câncer e ser agente de PROMOÇÃO DE CONHECIMENTOS e de MELHORIAS DO TRATAMENTO oncológico”. É mantida por associados, que contribuem mensalmente, parceiros empresariais, doadores e voluntários (FUNDAÇÃO SARA, 2018).

Partindo do pressuposto que os objetivos e espaços da educação musical ampliam-se para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e espaços fora da escola, como hospitais, (SILVA JUNIOR, 2012) e instituições de apoio, justificamos que a inserção da musicalização no dia-a-dia da Fundação, possa ser mais uma ferramenta usada para ocupar de forma prazerosa o tempo ocioso, enquanto aguardam o desenrolar de seus tratamentos contribuindo assim para diminuir a ansiedade e possivelmente a dor dos assistidos, além de oportunizar aos discentes vivenciar experiências indeléveis.

Música em projetos sociais

O Projeto despontou com a ideia de reforçar outras ações em andamento na fundação, pensando também em humanização e atendendo uma demanda do PET de atuação em projetos sociais. É importante ressaltar que o projeto abre a possibilidade de criarmos atividades de acordo com a necessidade, pois a música educa, integra e socializa, tornando-a ferramenta essencial para ser aplicada em projetos sociais em diversos

ambientes e que abrangem pessoas de costumes e culturas diferentes, como reforçado por Uriarte e Nunes (2012):

a música oportuniza projetos que envolvem diferentes comunidades que a utilizam como elemento de integração social, de entretenimento, de lazer, mas também aproveitando seu potencial de recurso educativo e formador” (URIARTE E NUNES (2012).

Silva Junior, (2012), relembra que “é importante destacar que as atividades musicais realizadas pelo educador musical podem vir a ter efeito terapêutico, mas não se constituem como terapia” (SILVA JUNIOR, 2012). Logo, para que isso ocorra é necessário que os envolvidos tenham um entendimento teórico-prático claro e objetivo. Uriarte e Nunes (2012) salientam que:

para que o trabalho musical ultrapasse a barreira da recreação e lazer, assumindo seu papel educativo, é necessário que os envolvidos possuam um conhecimento sistematizado de música, oportunizando práticas conectadas com as questões culturais do grupo e articuladas com outras áreas do conhecimento (URIARTE E NUNES, 2012).

A música é um dos fatores de transformação sociocultural, como validado por Candé (2001) quando afirma “que as ligações da música sempre foram forte quanto aos aspectos sociais, assim como a compreensão do que é música se obtinha a partir das funções na sociedade” (CANDÉ, 2001). O conceito de música se convencionou mediante o espaço social vivido e as formas com que aprende e vivencia os estilos e gêneros musicais, fazendo com que a música tenha múltiplos significados e funções sociais (HENTSCHKE E DEL BEM, 2003).

Nos últimos anos têm aumentando o número de Ongs e projetos sociais que utilizam a música, como uma ferramenta atrativa para modificar realidades de comunidades, unindo fazeres e objetivos musicais à função social nos encontros. (PENA, BARROS E MELLO, 2012; KATER, 2004; MÜLLER, 2004). Assim, SANTOS (2005), enfatiza que:

para atuar em projetos sociais o educador musical deve ter uma concepção filosófica, postura política, coragem (...) e um enfoque humanizado da educação musical, um papel formador global, formação humana e integradora além da promoção de processos de socialização (SANTOS, 2005).

A educação musical pode ocorrer em vários contextos seja em associações sem fins lucrativos, projetos especiais, centros de atendimento e reclusão, liberdade assistida, hospitais, abrigos, asilos entre outros (KATER, 2004). Em cada espaço ela pode desempenhar sua função de musicalizar e atender as necessidades psicofísicas e contribuir para a

recuperação e restabelecimento quando se tratar de ambientes hospitalares ou instituições que contribuem com a assistência aos que enfrentam os estresses de uma enfermidade.

Para Gaínza (2010), a música é uma experiência multidimensional: fortalece o frágil, acompanha o solitário e é uma poderosa ferramenta para a cura e intervenção social (GAÍNZA, 2010). Segundo Linhares et.al. (2010), pesquisas na área da saúde demonstram a importância da música, como forma de humanização e cuidado, promovendo grandes benefícios tanto para os pacientes como para a equipe de profissionais que os assistem (LINHARES, et. al., 2010).

Os sons musicais ativam o sistema de recompensa do cérebro, liberando neurotransmissores relacionados à sensação de prazer, como a dopamina e a serotonina, fazendo com que haja diminuição de dor, tensão, recuperação acelerada e diminui o isolamento social (ANGERAMI, 1998). Santos (2005) corrobora que “as práticas musicais são elementos importante para o desenvolvimento da expressão, comunicação, reflexão e crítica, espaço de prazer e conhecimento (SANTOS, 2005).

Para Angerami (1998) os estudos sobre o uso da música como um recurso terapêutico no Brasil só começou a ser amplamente discutido nos últimos anos, o que justifica a carência na literatura (ANGERAMI, 1998). Se tratando de universos que assistam enfermos, como instituições de apoio e hospitais, Silva Junior (2012), informa que os educadores musicais podem utilizar a música de duas maneiras: a primeira tem como base a Lei nº 7.853, de 1989, que trata do atendimento educacional especializado em classes hospitalares (BRASIL, 1989; SILVA JUNIOR, 2012), segundo Cunha e Carmo (2011) *apud* Silva Junior (2012) o objetivo nessa modalidade é proporcionar a aprendizagem musical aos alunos-pacientes com a realização de apreciação e atividades musicais.

A segunda maneira é a utilização da música com intuito de humanização, e sua aplicação abrange os funcionários, visitas ao leito dos pacientes internados, concertos, como relatado em um projeto realizado por Lima, Linhares e Maximiano (2010). Como o propósito da educação musical inclui tanto o desenvolvimento da musicalidade quanto o aprimoramento humano dos cidadãos, é importante atentar para o que salienta Silva Junior (2012), “para que a aprendizagem musical seja significativa” é importante observar as peculiaridades do grupo a que se destina o ensino da música, principalmente quando os

alunos estão em uma situação de fragilidade e vulnerabilidade (SILVA JUNIOR, 2012; KATER, 2004).

Logo, a música pode auxiliar em vários momentos no decorrer da vida do ser humano, no entanto, La Fuente (2016) frisa que:

não devemos confundir educação musical, com instrução musical ou com musicoterapia". O que diferencia estes conceitos é a intenção da utilização da música. Na primeira a música usa-se para mudar a forma de pensar, sentir e atuar, e só gerar efeitos muito positivos a nível académico e social. Na segunda, o objetivo é a aquisição da própria música como corpo de conhecimento e disciplina autônoma. E na terceira, a música é utilizada no processo terapêutico, tendo como foco a terapia e não a música ou a atividade musical em si (LA FUENTE, 2016).

Tendo em vista que a ação e efeito da música estão além da escuta, podemos observar seu efeito terapêutico no decorrer do aprendizado, como validado por Silva Junior (2012) ao conceituar educação musical terapêutica, a partir de benefícios cognitivos não musicais que as aulas de música proporcionam. O referido autor salienta que "falar do efeito terapêutico da música no contexto da educação musical é tratar da universalidade da música e seu potencial de influenciar nossos sentimentos e pensamentos" (SILVA JUNIOR, 2012).

Afinal, "[...] a musicalização não se exaure em si mesma. Ela articula-se à inserção do indivíduo em seu meio sociocultural, devendo, portanto, contribuir para tornar a sua relação com o ambiente mais significativa e participante." (PENNA, 2008. p. 42). O humano passa a ser o objetivo da educação musical (BRITO, 2001).

O planejamento e desenvolvimento das atividades

O projeto Música na Fundação Sara foi dividido em três etapas. Em um primeiro momento visitamos a instituição, onde fomos recebidos pela pedagoga, que intermediou todo o processo do projeto. Ela nos apresentou a unidade e os espaços prováveis para desenvolver as atividades, nos informou sobre o público assistido e frisou a importância da participação da equipe em uma capacitação oferecida pela instituição a todos os voluntários. Esta tem a missão de informar sobre o funcionamento da unidade, suas regras e favorecer a compreensão do atendimento ao público assistido pela mesma. Uma das características da instituição é atender um público rotativo, composto por crianças e adolescentes de 0 a 17

anos. Assim, o planejamento foi direcionado para atividades que pudessem contemplar o provável público presente e a equipe deveria estar preparada para a demanda do dia.

Com aprovação do projeto pela instituição, observamos que seria importante envolver acadêmicos do curso de música além dos bolsistas do PET/Música. Após a divulgação nas turmas 11 acadêmicos, do 1ª ao 7º período voluntariamente se dispuseram a participar. Em seguida, adequações de dias e horários favoráveis à Fundação e à equipe foram feitas e vinte e dois acadêmicos (Integrantes do Pet e voluntários) passaram pela capacitação ministrada pela Instituição. Em seguida foram divididos em subgrupos de quatro acadêmicos. Na maioria das vezes, a equipe seria composta por mim e outra colega, os outros dois seriam um bolsista e um voluntário do curso. Ficou acordado que as oficinas ocorreriam todas as terças feiras no turno matutino.

Simultaneamente às ações anteriores foi pensado em um material que pudesse ser uma linha guia para as atividades a serem desenvolvidas. Assim, durante os encontros semanais no PET, iniciou-se a elaboração de uma apostila que contemplou atividades baseadas no referencial teórico e na proposta dos educadores musicais, da primeira geração, tais como: Émile Jacques-Dalcroze, Carl Orff e Shinichi Suzuki e, da segunda geração, John Paynter, dos quais abordaram um ensino contemporâneo, no qual abrange metodologias para práticas pedagógicas possíveis e adaptáveis para qualquer contexto e para diferentes idades.

O material construído pela equipe após a sua conclusão apresentou atividades que abordam vários conteúdos, tais como ritmo e movimento; elementos do som: altura, intensidade, duração e timbre; apreciação musical; produção e utilização de instrumentos musicais não convencionais, dentre outros. Estes foram agrupadas pelos seguintes temas: atividades de apresentação e de acolhida, improvisação musical, ritmo e movimento, elementos do som, notas musicais e intervalo melódico e apreciação musical e cada atividade explicitou a faixa etária em que poderia ser desenvolvida.

A segunda etapa do projeto constituiu-se com o Desenvolvimento das Oficinas: no primeiro dia, um misto de sentimento, ansiedade e nervosismos nos acompanhava. O novo ao mesmo tempo em que surpreende, também assusta. A tranquilidade emanada pela presença da Tutora do PET facilitou o processo. Fomos recebidos pela pedagoga e conduzidos à brinquedoteca (espaço de recreação e leitura). Antes de recebermos as

crianças, organizamos o espaço colando algumas figuras de instrumentos na parede e escondemos os demais instrumentos atrás de uma cortina para surpreendê-los. Compareceram seis crianças de 2 a 10 anos, e as acolhemos com a canção: “Um bom dia pra você”. A professora moderou as atividades e, após a cantoria, seguiu-se à apresentação da equipe e das crianças com a dinâmica do balão, onde cada um falava seu nome, quicando o balão sem deixá-lo cair. Foi explicado os motivos de ali estarmos e em seguida, foi executado um áudio com os sons de alguns instrumentos. De acordo o áudio tocava algumas crianças faziam o reconhecimento nas gravuras. Posteriormente, uma flauta doce, uma rabeca, uma flauta transversa e um violão foram expostos. Sentamos no chão com eles, e a professora ludicamente falou sobre música, pulsação e os elementos do som. Em um dado momento, ao soar um som agudo, uma das crianças gritou: “agudo”. Entre risos e gracejos, seguimos para as próximas atividades: Dança da Aveleira simplificada, pelo fato de termos presente uma criança que não conseguia se locomover, “Que Som? Fulano, agora vai fazer, faça um som com o corpo para que eu possa aprender”, utilizamos os copos para trabalhar uma sequência rítmica e para finalizar ouvimos e cantamos a música “Avião sem Asa” de Claudinho e Buchecha. Agradecemos a participação de todos eles e saímos deslumbradas.

No segundo encontro com equipe diferente e sem a companhia da professora era de aplicarmos o que já havíamos aprendido. Apesar de receosas tínhamos a segurança nas atividades, que foram treinadas e exercitadas no decorrer dos planejamentos semanais e das oficinas sob orientação da tutora. Outro desafio do dia foi quando nos deparamos com crianças portadoras de necessidade especial e agitadas, dentre as cinco que compareceram. Mas, ao apresentarmos os sinos melódicos a curiosidade imperou sobre a falta de atenção. Entregamos a cada criança uma plaquinha com o nome da nota e o sino de respectivo nome da plaquinha. Cantamos a música: “Sete são as notas Musicais”, e ao dizer os nomes das notas, cada criança tocava o sino correspondente. Em seguida fizemos um ritmo com os copos e elas coloriram desenhos de instrumentos. Finalizamos cantando a música “Avião sem Asa” que seria apresentada no dia da festa das mães. Foi um dia proveitoso e satisfatório.

No terceiro encontro, quatro crianças compareceram e não estavam muito animadas, mas assim que o colega dedilhou no violão a música “um bom dia pra você”, voltaram a atenção para ele e aproveitamos para seguir com as atividades planejadas. Fizemos

apresentação dos nomes usando as palmas (um ostinato), realizamos as atividades: “Faço assim” e “Que som”, produzindo boas risadas. Seguimos para a música das notas musicais, cantamos a uma vez, e explicamos que além de cantar, ao dizer os nomes das notas deveriam fazer os seguintes gestos: dó (pegar no pé), ré (pegar nos joelhos), mi (coxa) fá (barriga) sol (peito) Lá (ombro) e si (cabeça). Em seguida, utilizamos bambolês, conforme o nome das notas era falado, elas pulavam com os dois pés dentro de cada um dos bambolês que representava uma nota musical, como se fosse uma “amarelinha”. Finalizamos com a música para a apresentação do dia das mães: Avião sem Asas.

Para a apresentação em comemoração ao dia das mães, contamos com a presença da tutora e dos colegas voluntários. Ocorreu no anoitecer de uma segunda feira e, foi um sucesso.

No quarto encontro as atividades foram desenvolvidas na sala onde acontece a Escola Viva, projeto da Fundação que faz o acompanhamento e reforço das atividades escolares dos assistidos para que estes possam acompanhar a turma quando retornarem aos seus lugares de origem. Iniciamos as atividades com três crianças, e no decorrer da oficina, chegaram mais duas. Começamos com uma apresentação dos nomes através de um ostinato (palma, nome), seguida de uma atividade rítmica com os copos e contamos com o auxílio de uma voluntária de pedagogia que auxiliou crianças com dificuldade motora. Seguimos para a canção das notas, usando os sinos que além de ser divertido, contribui para o desenvolvimento da escuta musical. Estreamos com eles um novo “instrumento”: “baquetas”, feitas com palitos de churrasco, adaptadas para evitar ferimentos. Treinamos pulsação (batendo uma baqueta na outra) e, em seguida explicamos os seguintes movimentos: baqueta na baqueta, baqueta direita na baqueta esquerda do colega e vice-versa. Após treinarmos um pouco, ensinamos a música “Peixinhos do mar” e adequamos uma sequência rítmica para acompanhar a música.

O quinto encontro foi novamente na sala da Escola Viva. Das três crianças presentes, uma adolescente, duas já nos eram familiares e pela recepção agradável já podíamos sentir o vínculo formado. Porém, elas não estavam animadas, devido à perda de um coleguinha. Os dias têm sido difíceis para alguns, as mudanças psicofísicas que ocorrem durante o tratamento são visíveis. Com muita sensibilidade, as envolvemos com carinho e conseguimos fazer com que demonstrassem interesse no jogo da memória com instrumento musical.

Fizemos uma competição agradável envolvendo todos os presentes, inclusive nós, demos muitas risadas e no final já podíamos perceber um sorriso, um olhar diferente. Seguimos para a música das notas musicais com os sinos, quando fomos interrompidos pela chegada de uma criança que tem um comportamento difícil, e adora os sinos. Para finalizar ensaiamos o Jingle da Fundação, para apresentação de um coral, em comemoração aos vinte anos da Instituição, no mês de julho. As crianças serão acompanhadas por nossa equipe e irão cantar executando uma sequência rítmica com as baquetas.

O tempo passou rápido, chegamos ao nosso sexto encontro. Neste dia, duas outras colegas levaram violões contribuindo para alegrar ainda mais o ambiente. Iniciamos com uma única criança, as demais estavam nos hospitais, infelizmente essa é a realidade daquele ambiente. Contamos com a participação de uma voluntária de pedagogia e, após as apresentações, fizemos a atividade das notas musicais com os sinos, apoiadas pelos violões. Em seguida iniciamos uma atividade nova, para trabalhar movimento sonoro e altura. Utilizamos cartelas gráficas, que possui círculos sucessivos em duas linhas horizontais e com os sinos distribuídos aos participantes, montamos acordes, resultando em uma sonoridade agradável e que foi muito apreciada além de estimular o campo visual e a percepção musical das crianças. Seguimos com o jogo da memória musical, e no decorrer deste, chegaram mais duas e entraram na brincadeira. Após várias competições e muitos risos, demos sequência ao ensaio do jingle com as baquetas. No início, elas não queriam cantar, mas após explicarmos a importância para a representação individual e da instituição que as assiste, elas animaram e, assim finalizamos.

A sétima oficina, foi realizada na brinquedoteca e organizamos as salas com as crianças à porta pedindo para entrar. As recebemos com a música “um bom dia pra você” seguida da apresentação dos nomes com as palmas. Colocamos uma caixinha de som e fizemos um momento de relaxamento e alongamento ao som da canção “Amanhecer” de Rubinho do Vale. A voluntária de pedagogia e um de nossos colegas, não conseguiu fazer alguns movimentos, gerando descontração e divertimento, com muitas risadas entre as quatro crianças presentes. Treinamos em seguida a música “Sete são as notas musicais” e utilizamos parte do corpo para demarcar os locais de cada nota musical. O curioso desse encontro foi a mudança comportamental de uma das crianças que desde o início apresentou dificuldade disciplinar. Continuamos com um trabalho rítmico com os copos seguido de uma

apreciação musical com a música “Aquarela”. Após o término, pedimos que desenhassem o que ouviram. Elas amaram. Percebendo o cansaço, finalizamos as atividades.

Nesta oitava oficina, contamos com a presença de duas voluntárias de pedagogia. Após a organização da brinquedoteca, recebemos as crianças com a música “um bom dia pra você”. Fizemos a dinâmica do balão para conhecermos novos participantes e seguimos para a música das notas musicais cantamos. Nosso colega acompanhou no violão e as crianças com os sinos. Cantamos o refrão da canção “Havia uma barata”, utilizando os sinos para os nomes das notas. Em seguida trabalhamos as cartelas gráficas, utilizando os sinos e seguimos para o jogo da memória. Finalizamos com o ensaio do jingle e as baquetas.

As atividades desenvolvidas eram acompanhadas e avaliadas pela tutora. Em nossas reuniões semanais dividíamos com todo o grupo a experiência, tendo sempre um feedback sobre o nosso desempenho. Concluímos a última etapa com as palavras expressas de satisfação da pedagoga nos parabenizando. Diante dos olhinhos brilhantes e os sorrisos nos rostos daqueles que deixávamos semanalmente na Fundação, nos atrevemos a dizer que embora seja cedo para colhermos os frutos de nosso trabalho já conseguimos antever a satisfação da colheita.

Considerações Finais

Esta experiência contribuiu para que os acadêmicos refletissem e lançassem novos olhares sobre as práticas musicais e quais estratégias podem ser desenvolvidas para as adequem em projetos sociais. A forma de acontecer cada oficina foi delineada pelas escolhas dos participantes. Nesse contexto, o deixar as atividades não como um fim, mas como um meio de alcançar, fez com que tivéssemos o efeito esperado: um aprendizado musical gradativo que contribuiu na minimização do estresse e talvez até da dor, tão comum durante o tratamento. Além disso, acompanhamos uma mudança positiva no comportamento de um dos assistidos.

Nesta perspectiva, ainda podemos destacar a importância de contemplar atividades que relacionem o teórico prático de forma lúdica, objetivando um ambiente de aprendizagem capaz de suscitar nos participantes o despertar ao interesse musical e mais

ainda utilizar esse recurso como uma fuga para os momentos dolorosos e estressantes que vivenciam durante o processo saúde-doença.

O projeto promoveu um crescimento humano, acadêmico e profissional considerável em todos os envolvidos no processo, que puderam aliar a experiência das ações a pesquisas bibliográficas e produção de textos acadêmicos, além do desenvolvimento de relações humanizadas, acolhedoras e sensíveis frente a um público assistido. Identificamos ainda, a necessidade de integração do curso com mais atividades como essa que colaborem para a construção de conceitos e experiências, que visem o desenvolvimento de uma visão global, importantes no auxílio da formação crítica e reflexiva do educador musical egresso da Universidade Estadual de Montes Claros - MG.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org). *A psicologia no hospital*. Editora Traço, São Paulo, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm>. Acesso em: 25 de mai. de 2018

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

CANDÉ, Roland De. *História universal da música*. Tradução de Eduardo Brandão e Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FUNDAÇÃO SARA, 2018. Disponível em: <https://www.fundacaosara.org.br>. Acesso em: 26 de mai. de 2018.

GAÍNZA, Violeta. *Conceptos sobre educación musical de diferentes autores*, 2010. Disponível em: FLADEM. <<http://goo.gl/8j082P>>. Acesso em 04 de jul. de 2018.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEM, Luciana Marta. *Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa*, In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEM, Luciana Marta, (Org). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. P 176-189.

KATER, Carlos. *O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social*. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 10, p. 43-51, mar. 2004. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed10/revista10_artigo6.pdf>.

Acesso em: 03 de jun. de 2018.

LA FUENTE, Lucía Casal de. *A experiência musical na instrução e educação musical e na musicoterapia*. Anais do SEFiM, Porto Alegre, V.02 - n.2, 2016. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/366/304>>.

Acesso em 4 de jul. de 2018

LIMA, Scheila Farias de Paiva; LINHARES, Leonardo Barreto; MAXIMIANO, Kenya Jeanne.

Educação musical e humanização hospitalar: uma experiência voltada à formação docente em música. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. Anais... Goiânia: ABEM, 2010. p. 736-744. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abemcongresso_2010_parte1.pdf>. Acesso em 28 de mai. de 2018.

LINHARES, Leonardo Barreto, et al. *A música como recurso para o desenvolvimento do projeto de humanização realizado no Hospital Municipal Odilon Behrens*. Rev.

Formação@Docente v. 2, n. 1 (2010). Disponível em:

<<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/fdc/article/view/28%201>>. Acesso em 25 de mai. de 2018.

MÜLLER, Vânia. *Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo?*

Revista da ABEM, Porto Alegre. V. 10. P. 53-58, mar. 2004. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista10/revista10_artigo7.pdf>.

Acesso em: 25 de mai. de 2018

PENA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento e; MELLO, Marcel Ramalho de. *Educação musical com função social: qualquer prática vale?* Revista da ABEM. Porto Alegre. V.20. p.65-78. Jan.-jun. 2012. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista27/revista27_artigo6.pdf>.

Acesso em: 28 de mai. de 2018

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SANTOS, Regina Marcia Simão. *“Melhoria de vida” ou “Fazendo a vida vibrar”: o projeto social para dentro e fora da escola e o o lugar da educação Musical*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V.10, p. 59-64, mar. 2004. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista10/revista10_artigo8.pdf>.

Acesso em: 23 de mai. de 2018

SILVA JUNIOR, José Davison da. *Música e Saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical*. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 29, p.171-183, jul- dez, 2012.

Disponível em:

<www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/.../82>

Acesso em: 25 de mai. de 2018.

URIARTE, Mônica Zewe; NUNES, Thales de Godoi. *Aulas de Música em Projetos de Assistência Social*. Revista Nupeart . Vol 10. 2012 . Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/4087/2889>>. Acesso em: 26 de mai. de 2018.